
CULTURA DE MASSA E REDUNDÂNCIA

UMA FÔRMA DE FABRICAR SUCESSO

por *Cid Seixas*

A característica básica da cultura de massa – quer sejam os programas de televisão, as histórias em quadrinho ou os livros destinados ao grande público, os afamados *best-sellers* – é partir de um esquema ou de uma fôrma de garantida eficiência. A renovação e o trabalho de descoberta de novos meios de expressão

constituem moeda de relativo valor nesta indústria cultural.

Assim, quando o leitor se encontra com mais de um livro do mesmo autor, termina envolvido num mundo de recorrências e redundâncias. Repetem-se as mesmas estratégias destinadas à fabricação do sucesso. Um autor de livro popularesco descobre uma fôrma que deu certo e continua moldando novas histórias na mesma fábrica de divertimentos.

Mas, mesmo assim – ou talvez por isso mesmo –, alguns dos produtos saídos da indústria cultural de massa são capazes de alcançar surpreendentes resultados. Principalmente, quando o leitor não conhece muito as artes e manhas do autor. Quando está diante de um contato inicial e descobre os pontos fortes do seu artesanato.

É verdade que, depois de um leitor arguto conhecer dois ou mais livros do mesmo autor, o interesse recua, porque falta alguma coisa além do artesanato

bem dosado. Falta arte, isto é: renovação de soluções e caminhos.

Mas essas fábricas de sonhos constituem o forte da indústria editorial porque há leitores – e muitos, milhares – que só se encontram na redundância, na repetição, do modelo pré-fabricado. Sua inteligência está treinada para perceber dentro dos limites do já conhecido, onde a dose de novidade deve ser mínima. Assim, ao criar uma obra com bons momentos, o autor usa a fôrma para extrair cinco ou dez “originais” mais ou menos parecidos, encantando o grande público e vencendo na vida sem fazer força; ao contrário dos artistas angustiados pela busca de algo indefinido, talvez a perfeição, talvez o compromisso de dar sempre o melhor de si.

Não esqueçamos, no entanto, que não só os produtores de tevê ou os industriais da escrita constroem suas fôrmas de estimação. Grandes autores, de reconhecido poder criativo, também se deixam

seduzir pelo sucesso já alcançado. O maneirismo de alguns escritores nada mais é do que uma repetição de si mesmos, um apelo à valorização da *fôrma* em lugar da *forma* criativa.

Escritores de prestígio intelectual já foram acusados de desenformar novos livros de uma mesma *fôrma*. Da mesma fórmula de sucesso garantido. Até mesmo o grande Garcia Marquez sofreu a acusação de se repetir. Se um prêmio Nobel de Literatura poderia fazer concessões à cômoda preguiça intelectual de cada um de nós, satisfeitos com o *déjà vu*, porque não um mero escrevente que vive da sua pena?

Paulo Coelho fez fama e fortuna repetindo o bem recebido esquema de *O alquimista*, onde retoma um pouco do encanto místico das narrativas de Herman Hesse e de outros mestres da viagem interior, acrescentando aqui um erro de ortografia, um escorregão gramatical ali, uma meia dúzia de lugares-comuns adiante.

Já em 1960, Ludwig Giesz publica em Heidelberg o esclarecedor *Phaenomenologie des Kitsches*, resolvendo questões ainda nebulosas na Alemanha. Sabe-se, a partir desse livro, que o termo *kitsch* passou a ser usado quando os turistas americanos em Munique se mostraram seduzidos por imitações baratas de obras de arte. Posteriormente, o termo foi adotado em outras línguas para se referir a produtos da cultura de massa.

* * *

É evidente que o gosto pela redundância, pela repetição, ou pelo já conhecido, é uma concessão à preguiça mental, à boa burrice de estimação que descansa na nossa pança. Como discursou o célebre personagem de Mário de Andrade:

– Ai que preguiça!

Mas é verdade também que a redundância é uma marca do homem. Mesmo no falar cotidiano demonstramos o nosso gosto pela redundância. Repetimos as mesmas ideias com outras palavras, muitas vezes, e de muitas formas diferentes. A repetição reforça o dito e elimina o não dito.

Evitamos a ambiguidade e a interferência de ruídos na comunicação através da reiteração da mensagem. Além de tudo, a repetição é um pronto-socorro para as inteligências mais emperradas. Os mais espertos, ao reencontrarem aquilo que já haviam percebido, novamente descoberto no dizer repetido, se sentem gratificados por achar que já achavam aquilo que o autor está dizendo.

Ao perceber difusamente a ideia de um filme, de um quadro televisivo ou de um livro, o receptor da mensagem não toma consciência imediata do que foi dito. Somente quando o que foi informado difusamente passa a ser reconhe-

cido e compreendido, através da redundância, o receptor encontra uma forte ligação entre aquilo que sente e compreende e o que o outro expressa. Apossa-se da ideia e do sentimento transmitido pelo outro e se identifica com o “enorme talento” do escritor. Narciso encanta-se com a própria imagem. Mesmo quando o espelho retoca a figura e mostra um outro rosto que ele toma como o seu. O homem gosta de se ver passado a limpo nos personagens bem-sucedidos. O super-homem encanta adultos e crianças porque cada um de nós vê nele o próprio ego; poderoso e perfeito.

A poesia moderna, ao despir-se da redundância – ao aceitar a ideia segundo a qual “para o bom entendedor, meia palavra” –, deixou de ser entendida por largas fatias de público acostumado a ler poesia alambicada e verbosa. O texto enxuto, econômico, às vezes não basta. Por falta de entendedor. Daí a prosa para a massa caminhar em sentido inverso.

No espaço do *kitsch*, Dean Koontz soube fabricar uma fôrma eficiente. Especializado em narrativas fantásticas de horror, ele consegue, em *Esconderijo* (Rio de Janeiro, Record, 1994), contar uma história em que os motivos se entrecruzam formando uma trama bem urdida. O foco ora se volta para as peripécias do protagonista, ora ilumina outros personagens igualmente importantes.

Suspense, ação e horror são os ingredientes do livro. A ideia é antiga: o eterno duelo entre o bem o mal. O maniqueísmo é uma forma de tornar os personagens planos e sem maior dimensão humana; mas o resultado não deixa de ser eletrizante.

Por isso temos que admitir que Dean R. Koontz não é um escrevente qualquer. É um escritor, um escritor de massa, com

o qual, às vezes, o escritor erudito precisa aprender.

Embora envolva no seu livro sugestões de magia negra e outras mumunhas postas na moda fim-de-milênio, a crença judaico-cristã preside o grande duelo da trama: de um lado, Vassago, um dos nove príncipes do Inferno, do outro lado, Uriel, um dos arcanjos do Deus ocidental. Os homens ou os personagens da sua narrativa são meros instrumentos de ação destas forças polares. É como se os deuses do Olimpo decidissem o destino dos homens e mulheres de Atenas.

Mas há um ponto muito curioso no texto: em meio a uma narrativa onde a inteligência dorme ou se espreguiça, Koontz dá uma espetada no acomodado leitor. A tradição cristã identifica a sexualidade com a degradação moral. Dito assim, a coisa soa forte. Mas não esqueçamos que tudo que diz respeito ao sexo e ao prazer é tido como pecado, como impureza.

A nossa tradição moral e religiosa entra em choque com a velha ideia grega de duas forças antagônicas. De um lado, Eros, a força da criação, do prazer e da vida – o bem maior. Do outro lado, Thanatos, a força da destruição, da paralisção e da morte.

Os santos do nosso céu se fazem merecedores da graça pelo abandono da vida, pela renúncia. Isto é, a busca da morte. São os pecadores que mantêm viva a chama de Eros, reacendendo a vida.

Pois bem, curiosamente, o personagem que se identifica com Vassago, com a força do mal, tem horror ao sexo. Nas narrativas de inspiração cristã, as figuras diabólicas são altamente erotizadas, enquanto as figuras identificadas com as forças divinas são inocentemente frias. Segundo o verso de Capinan:

“Todos os santos têm o sexo amputado e maldizem a fome enquanto comem.”

Neste livro, Dean Koontz vira a mesa do jogo: as forças do mal detestam o sexo, por tudo aquilo que ele representa de vitalidade, de criação, de epifania do prazer e do amor. Voltado para a destruição, a morbidez e a morte, Vassago trava sua luta com a vida.

Este é, sem dúvida, o ponto alto da narrativa, em termos de convite à participação do leitor; de solicitação ao confronto de ideias. Em outros termos: aí o autor consegue ser artista.

O artista não é aquele que transgride os limites do estabelecido? Que extrai o imprevisto sumo da pedra? Não é aquele que procura ver o outro lado dos objetos, o lado que o olhar se recusa a alcançar?

Mesmo trabalhando nos estreitos limites de um esquema, o bom artesão ultrapassa o previsível e ilumina com criatividade e arte a sombra do esperado,

apostando na sensibilidade e na inteligência do seu público.

www.linguagens.ufba.br/2021/cultura-de-massa.pdf

SEIXAS, Cid. Cultura de massa e redundância: uma fôrma de fabricar sucesso. Resenha crítica do livro *Esconderijo*, de Dean R. Koontz. Coluna “Leitura crítica” do jornal *A Tarde*. Salvador, 23 jan. 1995, p. 7.